Inovação, que bicho é este?

De tempos em tempos um tema entra no radar das empresas e na pauta da imprensa. Foi assim com a Qualidade Total nos anos 90, a Responsabilidade Social na primeira década do Século 21. Agora é a vez da Inovação estar em evidência.

Mas o que afinal de contas seria Inovação? É algo muito distante do universo das pessoas? Seriam apenas matérias relacionadas às naves espaciais e coisas do gênero?

A inovação esteve e está presente em todos os aspectos da vida humana e é responsável pela sobrevivência de nossa espécie. Não somente nossa sobrevivência como da evolução, permitindo-nos passar de meros caçadores cuja meta única e exclusiva era garantir a próxima refeição, para seres que fazem elaborados questionamentos filosóficos e existenciais. O grande salto que nos permitiu tal feito foi a Agricultura, uma grande Inovação, que nos propiciou o estabelecimento em lugares fixos, formando uma comunidade com laços sentimentais e com mais tempo disponível para pensar, criar e Inovar.

Portanto olhando para trás e vendo a importância que tem sido a Inovação para a Humanidade, pode-se auferir que para garantir o nosso futuro ela é tão importante quanto foi no passado. Na verdade ela se torna cada vez mais importante. Um exemplo, pelas inovações na saúde, alimentação, saneamento básico entre outros, experimentamos um crescimento vertiginoso da população. E como superar o desafio de manter toda esta gente em um planeta cujo recursos são finitos? Com a aplicação de mais e mais Inovação, como, por exemplo, as fontes de energia limpa. Não há outra alternativa.

Na modernidade, o papel das empresas no processo

A inovação também não deve se restringir à tecnologia e departamento de P&DI, muito menos só a produtos. Ela envolve processos, modelos de negócio, criação de novos mercados, etc...

de Inovação é fundamental. Existe uma certa confusão entre Invenção e Inovação, sendo as duas diferentes. Inovação = idéia + implementação + resultados. Um bom projeto na gaveta seja de uma empresa ou pesquisador não é Inovação, e somente será se for aplicada e trazer retorno à sociedade através de renda, bem estar, etc... . O agente para fazer que isto aconteça é a Empresa. Daí a importância, muito mais do que retórica, da necessidade e da aproximação e parceira entre Empresas e Academia. O desafio é grande, dois universos com linguagem e ritmo diferentes e um certo preconceito das duas partes. Mas a junção destes dois atores é um processo rico e todos só têm a ganhar com ela, principalmente a sociedade.

O Brasil, como em muitos outros temas, começou bem atrasado no processo de Inovação. As razões históricas que fizeram isto acontecer passa pela maneira paternalista, intervencionista e centralizadora como nos desenvolvemos. Se a livre iniciativa não tem as condições para se desenvolver o espírito e criatividade ficam inibidos, cenário muito diferente que permitiu o

florescimentos dos Estados Unidos. Outra aspecto é o da propriedade intelectual. Se vou desenvolver um produto, empenhando recursos e energia e não tendo a proteção adequada, para que vou me enveredar por este caminho? Esta situação está mudando no Brasil, mas mesmo assim atualmente uma patente pode demorar de 8 à 12 anos para ser concedida. Nos países mais desenvolvidos é em média 2 anos. Mas estes fatos históricos não são justificativas para que fiquemos presos ao passado, são apenas reflexões para que não cometamos erros semelhantes no presente e futuro. Quando o transistor foi criado nos Estados Unidos na década de 40 o Brasil contava apenas com meia dúzia de cientistas. A aproximação das Empresas com Universidades é um movimento que tomou corpo apenas nos anos 90. As Lei do Bem e de Inovação são já do Século 21. Portanto o ambiente que permite a Inovação é muito recente no Brasil, temos feito grandes progressos em pouco tempo o que nos permite ter um otimismo, sempre moderado e com pé no chão, de que estamos no caminho certo.

É chover no molhado dizer que as empresas brasileiras gastam tempo, energia e dinheiro com aspectos não produtivos como atender a complexa legislação tributária, burocracia sempre crescente, normas diversas e de múltiplas interpretações, etc... O desafio é tentar inovar mesmo com este cenário e trocar o pneu com carro em movimento. Na verdade não é uma opção, quem não fizer isto não estará garantindo a perenidade das empresas, objetivo de todo e qualquer empresário. A Fundação Dom Cabral de Belo Horizonte conduziu uma pesquisa e constatou que das 500 maiores empresas em 1973, mais de 80% desapareceram, foram compradas e/ou fundidas. Uma das razões identificadas foi a falta de inovação. A inovação e a mentalidade inovadora propicia uma maior flexibilidade e chances das empresas identificarem as mudanças e tendências, adaptando-se a elas e aproveitando as oportunidades oriundas destas mudanças.

Outra confusão que existe é sobre o que é Inovação. Algumas pessoas acreditam que a Inovação apenas ocorre quando se rompe todos os paradigmas e se revoluciona todo um setor. Isto não é verdade. Existem as inovações incrementais e radicais e as suas variações. Das Inovações apenas 20% são radicais, pois fazê-las custa muito caro e envolve uma grande dose de risco. Portanto muitas

empresas e pessoas são inovadoras sem a consciência de sê-las.

A inovação também não deve se restringir à tecnologia e departamento de P&DI, muito menos só a produtos. Ela envolve processos, modelos de negócio, criação de novos mercados, etc... Diria até que é um estado mental que deve permear toda a empresa. O ideal é que as organizações possuam um sistema estruturado para que a Inovação floresça em todos os níveis. Infelizmente tal sistema não está presente em muitas das instituições, até pela juventude do processo como relatei anteriormente.

As prática comuns de empresas inovadoras incluem uma cultura que apóia a criatividade e a participação dos colaboradores, mobilização de equipes, sistema de recompensa baseado em resultados, entendimento claro do mercado e consumidor, monitoramento constante de tecnologias, mobilização constante de recursos externos, gerenciamento da carteira de projetos equilibrada e baseada em critérios de priorização, planejamento amplo e orientado à solução de problemas.

Atualmente o Brasil possui mecanismos eficientes de fomento à Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação. Eles são necessários pois o risco da inovação é alto e à longo prazo. Pode-se investir por anos à fio em um projeto que no final não se traduza em lucro para as empresas. O principal agente financiador do Brasil é a FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos, empresa pública vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia www.finep.gov.br) que possui um amplo programa de apoio, incluindo até mais recentemente subvenção econômica às empresas. Temos ainda o CNPQ que inclusive subsidia a inserção de mestres e doutores nas empresas. Enfim os mecanismos estão aí e é necessário que os interessados se informem e se preparem para submeter os seus projetos.

No nosso Estado de Goiás um recente, mas muito importante órgão de fomento à pesquisa, é a nossa FAPEG, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (www.fapeg.gov.br), que a despeito de todas as dificuldades e de ter sido uma das últimas Fundações de Apoio à Pesquisa criadas no Brasil, tem feito um trabalho exemplar e que as gerações que nos sucedem irão colher os frutos. É necessário que ela se fortaleça a cada dia e que seja prestigiada e mantida, independentemente de quem esteja conduzindo nosso Estado. A FAPEG é uma conquista da sociedade, não somente da científica,

mas de todos nós. Diz-se muito, ou pior ainda deduz-se de maneira velada, que somos um Estado voltado ao agronegócio, e por conseguinte a inovação e tecnologia poderiam ficar em segundo plano. Ledo engano, neste ramo existe um uso intensivo de novas tecnologias e inovações, o que tem permitido recordes sucessivos de produtividade e conservação e manutenção das áreas destinadas à produção.

Para complementar o arcabouço legal que vai permitir a Goiás um salto no aspecto da Inovação é fundamental a aprovação da Lei Estadual de Inovação. Ela vai permitir que as empresas possam ter mecanismos de apoio à inovação e que o intercâmbio Empresas e Universidades se intensifique. Vai permitir também a captação de recursos, entre outros da FINEP em programas que as Empresas são partícipes obrigatórios. Com a atual legislação não são permitidas tais ações.

É necessário que a inovação sejam traduzidas em novos produtos, serviços e mercados, competitividade e desenvolvimento tecnológico. Enfim é necessário que a inovação se traduza em renda, emprego e riqueza para a sociedade e sem esta lei isto fica mais difícil. Até o

momento 09 Estados da Federação (Amazonas, Mato Grosso, Santa Catarina, Minas Gerais, São Paulo, Ceará, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro) já possuem a sua Lei Estadual de Inovação. Na região Centro Oeste o Estado do Mato Grosso já a possui. Goiás foi uma das últimas unidades da Federação à possuir a sua Fundação de Apoio à Pesquisa. É necessário que isto não se repita com a Lei de Inovação.

A Inovação nos permitiu conquistas que nossos antepassados nem sonhavam em alcançar, o que ela nos reservará daqui para frente? Espero estar por perto, participar e observar com a convicção de que a Inovação está colaborando para fazer um Mundo melhor.

Melchiades da Cunha Neto

Membro do Conselho Superior da FAPEG e vice-presidente do Conselho Temático de Tecnologia e Inovação da Federação das Indústrias do Estado de Goiás. Diretor técnico da Scitech Medical e vencedor do Prêmio FINEP de inovação para a região Centro-Oeste no ano de 2006.